

UMA DISCUSSÃO SOBRE LEITURA, NAVEGAÇÃO E MULTIMODALIDADE NO APLICATIVO RUAS LITERÁRIAS DO RECIFE

Elisangela Maria da Silva

RESUMO

O crescente uso das tecnologias móveis tem levando estudiosos e professores de língua materna a refletirem sobre novas formas de leitura em ambientes digitais. Nesse sentido, o presente estudo caracteriza-se por um recorte de um relato de experiência, desenvolvido durante um projeto de extensão com alunos do 3º período do Curso de Pedagogia, que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História, cuja intenção foi possibilitar, aos alunos, olhares diferentes sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. O recorte apresenta o uso que quatro alunos fizeram do aplicativo e parte de alguns questionamentos: como se lê no meio digital? Por quais caminhos? E como a multimodalidade contribui na leitura/navegação no aplicativo? O objetivo foi analisar como a multimodalidade contribui nas formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”. Tendo como pressuposto que na leitura *online* as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página. O artigo vem ainda discutir o conceito de leitura adotado por Coscarelli e Ribeiro. Além de avaliar a relação do leitor/usuário e a interface (composição dos elementos visuais, do modo de apresentação do conteúdo no aplicativo e o modo como cada um leu e percorreu a tela). Para tanto, utilizaremos como aportes teóricos Azevedo e Novais. A experiência nos permitiu compreender que diferenciar leitura e navegação não é tarefa fácil, visto que essas duas ações, segundo Ribeiro e Azevedo, se retroalimentam e foram realizadas concomitantemente pelos nossos sujeitos.

Palavras-chave: Tecnologias móveis; Leitura; Navegação; Multimodalidade; Meio digital.

Introdução

Uma das riquezas do aplicativo é possibilitar olhares diferentes sobre a cidade, difundir outras perspectivas sobre o espaço urbano. Na sua pesquisa, há poetas e escritores de diferentes épocas e estilos, desde o século XIX até o contemporâneo. Uns tem uma visão moralista, outros, crítica ou ácida. Esses perfis permitem que cada usuário construa a própria relação com o espaço. (LAURENCI, ERIC, 2016)¹

O presente estudo nasceu de inquietações surgidas durante as aulas de Linguística Textual quando discutíamos acerca de possíveis mudanças nas práticas de leitura com o advento das mídias digitais. Tais mídias permitem, através da internet, ter acesso rápido a um grande número de informações sobre diversas áreas, inclusive sobre localização, espaço urbano e literatura.

Ribeiro (2008), em seu estudo sobre *navegar lendo e ler navegando*, aponta que desde a Segunda Guerra Mundial, alguns países dedicaram-se ao desenvolvimento de novas tecnologias para executar tarefas tais como falar e escrever à distancia, armazenar informações com segurança e desenvolver modos de comunicação. Mas segundo esta autora, nem sempre a apropriação que se faz, socialmente, do objeto acontece como previsto. Alguns desses dispositivos foram inventados para servir a uma tarefa e, à medida que vão sendo

¹ Informação disponível em: <http://www.revistafacil.net/2016/08/ruas-literarias-do-recife.html>> Acesso em: 25 nov. 2016.

utilizadas, passaram a servir para outros fins. Foi assim com o computador e, conseqüentemente, com a internet e com a leitura.

Para vários historiadores das práticas da leitura e do livro, o leitor pode ser retratado em diversas posturas ao longo da história de sua relação com o dispositivo de ler. Atualmente, é possível ler sentado, com as pernas encolhidas sob um teclado e olhos vidrados na luz do monitor e para Ribeiro (2008, p. 15) “não existe um leitor. Existem leitores que aprendem gestos e habilidades ao longo dos tempos, em contato com suas culturas e com práticas configuradas pela conjunção de técnicas, materiais, métodos e dispositivos dos quais o leitor usufrui. Esse usufruto, no entanto, é aprendido”.

Nos dias de hoje, o leitor dispõe, ao menos potencialmente, de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que jamais antes na história da humanidade. Assim, partimos do pressuposto de que na leitura *online* as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página.

Para tentar responder aos nossos questionamentos apontados no resumo, este estudo traz como objetivo geral analisar como a multimodalidade contribui nas formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”. E como objetivos específicos: discutir os conceitos de leitura e navegação adotados por Coscarelli (2016) e Ribeiro (2008) e avaliar a relação do leitor/usuário e a interface (composição dos elementos visuais, do modo de apresentação do conteúdo no aplicativo e o modo como cada um leu e percorreu a tela).

Para tanto, a pesquisa vem apresentar um recorte de um relato de experiência ocorrido durante um projeto de extensão desenvolvido com 18 alunos do 3º período do Curso de Pedagogia, que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História, cuja intenção foi possibilitar, aos alunos participantes, olhares diferentes sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. Utilizamos da abordagem qualitativa da pesquisa, visto que este estudo apresenta a experiência de leitores/usuários do aplicativo.

De modo a facilitar a compreensão do percurso adotado neste estudo, optamos por dividir a fundamentação em dois tópicos: A leitura *online* x processamento de leitura e multimodalidade, a navegação, a leitura e o aplicativo “Ruas Literárias do Recife”. No primeiro tópico, traçamos uma discussão sobre o processamento de leitura segundo Coscarelli (1999), apresentando os conceitos de navegação e leitura tomados por Coscarelli (1999 e 2016), Ribeiro (2008 e 2016) e Novais (2008 e 2016) e os conceitos de multimodalidade

apresentados por Azevedo (2013) e, no segundo, apresentamos o aplicativo “Ruas literárias do Recife”.

Fundamentação teórica

A leitura *online*, processamento de leitura e multimodalidade

A epígrafe da introdução e a definição de leitura de Coscarelli (2016) nos parecem apropriadas quando se vai tratar da leitura na internet e em ambientes digitais ou *online*, visto que para esta autora,

ler envolve uma situação comunicativa na qual há um autor, um leitor, um texto [ou múltiplos textos], um contexto e um ou mais objetivos para o ato de leitura. Cada ato de leitura é diferente e requer que o texto seja abordado de formas diferentes. Além disso, cada leitor traz para a leitura seus próprios objetivos, sua motivação, seus interesses, ideias e experiências. (COSCARELLI, 2016, p. 63)

A definição acima e os estudos de Coscarelli (1999), além de apontar para a perspectiva de leitura adotada no presente estudo, pensada aqui numa abordagem mais cognitiva, sem desconsiderar os aspectos sociais envolvidos no ato de ler e na formação do leitor crítico, nos oferece também uma ampla visão acerca dos estudos sobre leitura, mostrando que ao longo de décadas os estudos de Linguística e Psicologia focaram de maneiras diferentes o autor, o leitor e o texto. Sendo cada um determinante dos efeitos de sentido que se poderia obter na atividade de leitura.

Nas idas e vindas desses estudos sobre como se dá a leitura, Ribeiro (2008, p. 73) aponta que ora o autor foi posto em destaque, ora o leitor foi o detentor de sentidos e das interpretações, ora o texto possuía uma espécie de existência independente. Sendo a abordagem sociointeracionista a que considera a ‘fusão’ dessa ‘trindade’, em que autor, leitor e texto são vistos como o operador da emergência de sentidos, que regem ao mesmo tempo a leitura, sendo concedidos, segundo Novais (2008), como processos interativos, pelo mesmo grau de relevância, visto que:

Cada um tem um papel diferente em relação à leitura e nenhum deles é menos importante do que o outro para compreender um texto, o leitor não pode contar somente com os elementos presentes nele. Além do que o autor selecionou para colocar no texto, o leitor deve contar também com seus conhecimentos prévios para fazer inferências, ou seja, deve usar seus conhecimentos sobre o funcionamento da língua, sobre o assunto tratado e a respeito da situação, para completar o texto, construindo assim um ou mais significados. (COSCARELLI, 2003, p. 4)

E na regência dessa trindade, a leitura pode ser uma atualização de sentidos sem a presença física do autor, visto que o tempo, no caso deste estudo, não é sincrônico. Já que lidamos com o texto escrito, no qual, o autor estaria, conforme Ribeiro (2008, p. 73), “virtualmente presente e, para tornar o fazer-sentido possível, é necessário haver certo alinhamento das compreensões do texto”. Uma vez que nossa pesquisa é construída a partir da leitura de textos informativos *online* que direcionam para textos literários presentes no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, partimos do pressuposto de que esse alinhamento seja possível e desejável.

Para tanto, consideramos importante juntarmos-nos a Coscarelli (1999), quando esta afirma ser possível estabelecer parâmetros para leituras mais autorizadas de textos. E a Ribeiro (2008), por defender a existência, na maioria das vezes, de uma proposta de protocolo de leitura dada pelo autor e programada pelo texto. Acreditando, assim como esta autora, que os leitores operam uma interação mediada pelos textos e pela programação visual que organiza e compõe estes, agindo como parte da proposta de protocolo de leitura.

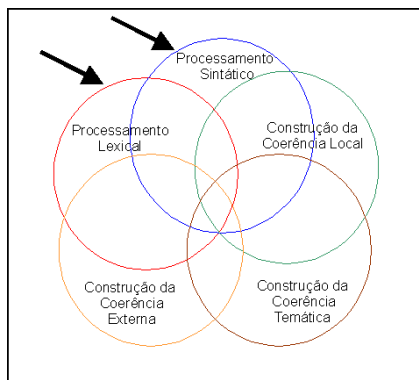
Assim, pensamos leitura e leitores sob o ângulo das práticas sociais, do construto teórico psicolinguístico, ou seja, do ponto de vista dos processos mentais executados pelo leitor, visto que este precisa ter conhecimento sobre o conteúdo, fazer inferências e estabelecer conexões entre partes do texto e, para isso o conhecimento prévio é crucial. Considerando que “com mais informação sobre o tópico, os leitores podem construir uma representação mais rica do texto”. (COSCARRELLI, 2016, p. 71)

Sob esse aspecto, Coscarelli (1999) apresenta inferências e generalizações como parte fundamental do processo de ler e compreender, a isso pode ser adicionado, que o leitor precisa realizar os processamentos lexical, sintático, assim como a construção de coesão e coerência, não bastando passar por elas, mas integrá-las. Esta autora parte do estudo das inferências produzidas por leitores e percebe nestas a possibilidade de compreender melhor como se dá a leitura. Enfatizando que a vantagem de explicar o processamento de leitura por meio de domínios e subdivisões é uma forma de conseguir explicitar melhor que problemas um texto pode oferecer ao leitor, que características pode haver que impeçam ou gerem obstáculos para a leitura.

Para tanto, Coscarelli (1999) propõe um modelo estruturado de leitura, em que todo texto seja processado hipertextualmente e a atividade de leitura seja uma ação mental em cinco domínios: 1) Processamento lexical; 2) Processamento sintático; 3) Construções das coerências (ou significados) local; 4) Temática e 5) Construção de coerência externa ou

processamento integrativo. É importante frisar que para a autora o ponto mais importante para a compreensão da leitura dentro do modelo estruturado de leitura é considerar que a ativação de um domínio sofre influência e interferência em outros domínios, mostrando que a leitura é uma atividade complexa e relativamente controlada pelo leitor, mas que exige deste (leitor) constante reconstrução e atualização. Já que continuamente estamos diante de novos e diferentes textos, de novas formas de ler e interagir.

Figura 1: Diagrama do modelo de leitura reestruturado de Coscarelli.



Fonte: Coscarelli, 1999, p. 66

Para Ribeiro (2008, p. 80) esses módulos de processamento agem como uma “espécie de orquestração que é regida pela pragmática, ou seja, informações extratextuais que ajudarão a orientar quais efeitos de sentido emergirão de um texto em seu suporte”. A autora enfatiza que a expressão gráfica do texto e sua relação com o suporte em que este foi inscrito está entre as “informações extratextuais”.

Assim, para Ribeiro (p. 81) as “instruções” deixadas pelo autor devem ser consideradas produto de um processo editorial ou de planejamento visual, além do material linguístico. Enfatizamos assim como Ribeiro (2008), que em textos informativos, como os utilizados no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, o autor não é o único a dar pistas ao leitor, mas uma equipe que se propõe a produzir o material linguístico, assim como a fonte, o corpo e suporte.

Neste sentido, Novais (2016, p. 82-83) afirma que as atividades de leitura nos dias de hoje “processam cada vez mais diferentes sistemas de signos, insumos criados pelas/com as tecnologias digitais. Os textos se multiplicam espontaneamente, tanto quanto as práticas sociais e as formas de interação”. Para esta autora o advento dos gêneros textuais fez vir à tona discussões conflitantes sobre textos e suportes, mas adverte que “considerar os portadores de texto como parte importante da construção de sentido foi um grande avanço tanto para a produção de texto quanto para a leitura”.

Novais (2016) enfatiza ainda a existência de outra discussão importante, que permeia o meio acadêmico, mas que não alcançou a sala de aula nem o ensino da leitura. Tal discussão se refere às relações entre ler e navegar nos ambientes digitais. O que nos faz pensar não só sobre essas relações como também os conceitos de navegação e leitura, já que esta pesquisa é construída a partir da leitura de textos informativos e literários *online*. E esse tipo de leitura requer, segundo Coscarelli (2016), as duas principais competências (ler e navegar) que se entrelaçam. É sobre isso que vamos discutir nas próximas sessões deste texto, começando por uma tentativa de definir a navegação.

a) A navegação

Ribeiro (2008) ao discutir seus testes de navegação e leitura em jornais impressos e digitais, define algumas estratégias que os informantes dos testes precisam adotar. Para os jornais impressos a autora pontua que o leitor precisa: “1) Escanear a primeira página; 2) Encontrar a chamada e a indicação de numeração de página interna; 3) Manipular o jornal até chegar à página indicada na capa e 4) Encontrar e ler notícias”. Já para a leitura em jornais digitais o leitor precisará: “1) Escanear a página inicial (*home*), 2) Encontrar a chamada e o link da notícia e 3) Clicar para ter acesso a notícia”. (RIBEIRO, 2008, p. 135-136)

Para Azevedo (2013, p. 38) essas ações citadas por Ribeiro, como escanear, encontrar, manipular e clicar se referem a um momento “anterior ao processo de compreensão de uma informação”. Essa fase é o que a autora chama de “navegação”.

Assim como Azevedo, Novais (2016, p. 83) apresenta a navegação como o momento, em que o leitor explora o portador de texto, suas pistas e orientações e as marcas típicas de cada objeto de ler. Navegação é um processo cognitivo, que tem relação muito próxima com a leitura, mas ficaria numa camada mais superficial desta.

Na tentativa de distinguir mais claramente essas duas competências, Azevedo (2013, p. 58), em seu estudo *ler e navegar*, construiu uma escala de níveis de navegação. Na qual, o número de passos para se chegar a um conteúdo, foi considerado um critério importante para definir se uma navegação era de maior ou menor dificuldade. Esta autora enfatiza que esta escala não foi suficiente, porque “muitos dos itens, em algum momento, cobravam aspectos relacionados à leitura que interferiam no resultado da busca”.

Sentindo a necessidade de um ponto de partida para descrever os tipos de habilidades exigidas pelos itens formulados para a navegação, a autora se apóia na Matriz de Letramento Digital² apresentada por Dias e Novais e aponta oito habilidades:

Tabela 1: Quadro de Descritores da Matriz de Letramento Digital utilizados no teste de interação.

Ações	Descritores/Habilidade
1.2 Buscar e organizar informações em ambiente digital	2CT1 – reconhecer os mecanismos de busca e busca avançada (contado) 2CO1 – selecionar palavras-chave adequadas (compreensão) 2AN2 – avaliar se a informação é pertinente ao objetivo da pesquisa (análise)
1.3 Ler hipertexto digital	3CT1 – Reconhecer elementos (gráficos e linguísticos) que sinalizam a presença de um link (contato) 3CO1 – localizar-se nas várias camadas que compõem um hipertexto (compreensão) 3CO5 - Inferir o conteúdo do link a partir de seu nó (compreensão) 3CO7 – Selecionar conteúdos pertinentes aos objetivos de leitura (compreensão) 3AN1 – Relacionar o link ao conteúdo ou endereço ao qual leva (análise)

Fonte: Azevedo, 2013, p. 59

Ainda sobre navegação, Novais (2016), afirma que em ambiente digitais ela é

orientada, principalmente, pelas interfaces digitais. Qualquer tarefa no computador, celular, tablet, caixa eletrônico, ou outro equipamento com tecnologia digital, é mediada por essas interfaces. São elas que criam uma sensação de ‘familiaridade’ com os usuários, pois oferecem também marcas e rotina ‘relativamente estáveis’, para que possamos navegar pelos *softwares*, *sites* e aplicativos. (NOVAIS, 2016, p. 84)

Para a autora, padronizações ajudam os navegadores a lidar melhor com as interfaces e chegar mais rápido aos textos ou a outras ações de interação. Outra questão levanta pela autora é que o navegador se sai melhor quando em ambientes digitais identifica ícones, memoriza rotinas de navegação e reconhece a gramática da interface.

Nesse sentido, Coscarelli (2016) pensando a leitura *online* para fins educativos, afirma que esta pode ajudar a perceberem que neste tipo de leitura existem duas partes desse processo e a navegação é a que requer a localização de informações como: buscar, avaliar e selecionar. Nesse sentido, navegar requer habilidades de leitura para olhar a informação e

² Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>> Acesso em: 04 nov. 2016.

construir sentido a partir daquela busca. Agora, nos debruçaremos sobre uma tentativa de definir a leitura.

b) A leitura

A leitura segundo Azevedo (2013, p. 38), é “um processo mais completo, o da compreensão de conteúdo”. Sob esse aspecto, Coscarelli (2016) apresenta a leitura como aquela que tem como foco a construção de um significado mais profundo. Para essa autora a leitura *stricto sensu*, infere, avalia, constroi sentido, sintetiza, critica e analisa, compreende as informações mais profundamente.

Azevedo (2013, p. 47) apresenta a “gramática do design visual” como aquela que “ajuda a entender que todos os estímulos apresentam potenciais comunicativos e podem contribuir de alguma forma para o processo de construção de sentido do leitor/usuário”. A autora enfatiza que “a multimodalidade ajuda a compreender a importância dos diferentes estímulos visuais durante a leitura e navegação. Muito do que depreendemos durante a leitura de um *web site* não está no texto escrito, mas em outros estímulos no conteúdo e no design”.

Tal discussão nos leva a acreditar que as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página.

Azevedo (2013) para distinguir leitura de navegação, pontuou algumas habilidades para a leitura, como fez para a navegação. Para tanto, apoiou-se nos descritores da Matriz de referência de Língua Portuguesa do SAEB (D1, D2, D3 e D5), acrescentou mais dois descritores a partir dos marcos referenciais do PISA (D24 e D26) e elaborou um pela necessidade de atingir uma habilidade de leitura que não encontrou em nenhum tipo de marco referencial ou matriz de leitura, o D22. A tabela 2 apresenta tais habilidades referentes à leitura:

Tabela 2: Tópicos e descritores da Matriz de Língua Portuguesa da 3ª série do Ensino Médio.

Tópico	Descritores
I. Procedimentos de leitura	D1 – Localizar informações explícitas em um texto. D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão. D4 - Inferir uma informação implícita em um texto

<p>II. Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto</p> <p>IV. Coerência e coesão textual no processamento do texto</p>	<p>D24 – Avaliar criticamente o conteúdo de um texto (fazer julgamento das informações)</p> <p>D23 – Interpretar informações apresentadas em texto não-contínuo (tabela)</p> <p>D22 – Inferir relação entre conceitos ou termos do texto</p> <p>D5 – Interpretar com auxílio de material gráfico diverso (propaganda, quadrinho, foto, etc.)</p> <p>D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade do texto.</p>
---	--

Fonte: Azevedo, 2013, p. 56

c) Multimodalidade

Sabemos que quando falamos de leitura *online*, naturalmente acabamos por destacar textos de natureza multimodal, ou seja, textos que combinam diferentes linguagens, diferentes modos de representação de sentido. Não que a multimodalidade seja uma novidade do meio digital, visto que segundo Azevedo (2013, p. 40), “sempre estivemos em contato com ela através de outras mídias e suportes textuais”. As figuras, usadas para esclarecer aspectos de um texto, sempre foram usadas em livros didáticos.

Para Azevedo (2013) o que ocorre hoje, é um contato maior com telas de paisagem multimodal influenciado pelo computador e, esse fato ocasiona uma carência maior na compreensão da influência dos diferentes modos de representação de sentido nos processos de leitura e interação.

A multimodalidade, termo trazido por Kress, é uma “perspectiva que lida com todos os meios que temos para fazer significados – os modos de representação – e que leva em consideração características específicas de cada caminho que usamos para configurar o mundo”. (KESS, 2004, *apud* AZEVEDO, 2013, p. 40)

Kress e Leeuwen, (2006, *apud* AZEVEDO), em sua *Gramática do design visual*, apresentam cinco códigos de integração, dos quais destacamos, com base nos interesses desse estudo, três: o *top and bottom*, a saliência e o *framig*, que podem nos ajudar a avaliar a relação do leitor/usuário e a interface do aplicativo.

Para Azevedo (2013) Kress e Leeuwen apresentam esses códigos de integração como:

O *top and bottom* apresenta uma organização hierárquica do conteúdo a partir de eixos verticais. Sendo o elemento da parte superior tradutor da informação dominante e o da parte inferior da informação menos relevante.

A Saliência produz uma hierarquia entre os elementos de uma composição visual e faz com que alguns desses elementos ganhem mais atenção e importância do leitor que outros.

O *framing* (enquadramento) é indispensável na coerência da composição visual por conectar ou desconectar os elementos por meio das linhas na divisão de quadros, espaços em branco, descontinuidade de cor.

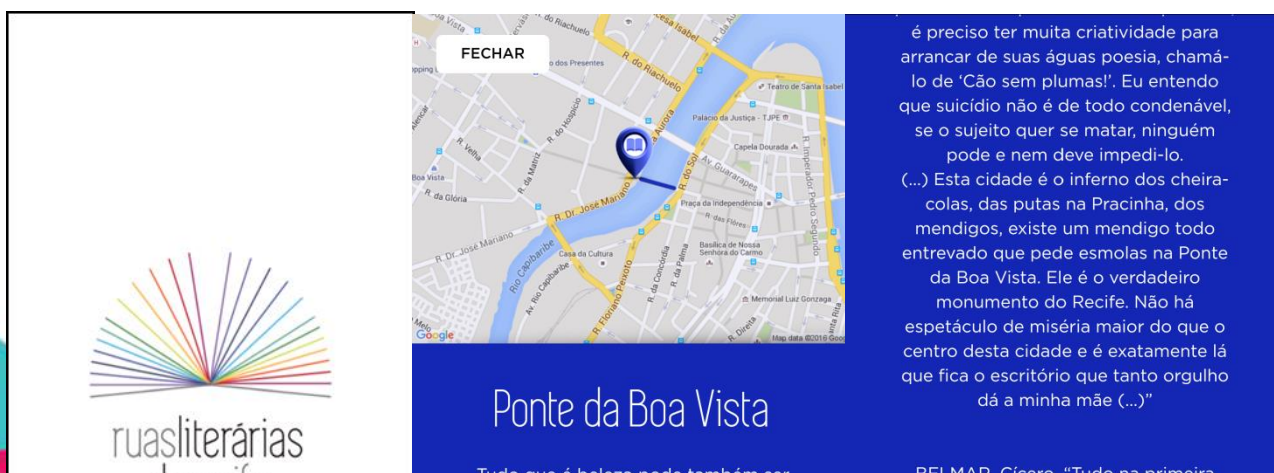
Tais recursos são, para Azevedo, as “estratégias que unem e separam, harmonicamente, os elementos que compõem o design visual”. (p. 43) Eles nos ajudaram a entender que todos os estímulos apresentam potenciais comunicativos e podem contribuir de algum modo na leitura e navegação do leitor/usuário.

Após a discussão sobre a multimodalidade e na compreensão e importância desta durante a leitura e navegação, nos deteremos agora numa apresentação geral do “Ruas literárias do Recife”, aplicativo escolhido para o desenvolvimento deste estudo.

O aplicativo “Ruas Literárias do Recife”

Idealizado e produzido pelo cineasta Eric Laurence e realizado por meio do Funcultura o projeto “Ruas Literárias do Recife” é um aplicativo para dispositivos móveis, que por meio do mapeamento das ruas da cidade possibilita um roteiro literário e poético, no qual a população pode descobrir como as ruas e suas edificações foram descritas e representadas por escritores pernambucanos. O aplicativo é gratuito e está disponível para Android e IOS, nas versões mais modernas de smartphones e tablets. Com internet, o usuário pode navegar pelo mapa do Recife e compartilhar os textos em redes sociais como ilustra a figura 2 a seguir.

Figura 2: Página oficial do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”.



Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/ruas-literarias-do-recife/id1087059907?mt=8>

O Ruas Literárias traz um itinerário rico e diversificado, com indicações poéticas, afetivas, culturais e históricas da cidade. Para tanto, foram elencados aproximadamente 150 pontos de localização no Recife (os *pins* do aplicativo), que remetem a trechos de escritos feitos por 82 autores entre os quais estão Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Joaquim Cardozo, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, entre outros. São autores de diferentes épocas e estilos, desde o século 19 até os dias atuais.

Para a produção dos textos que sintetizam as referências literárias das ruas do Recife o projeto contou com Luzilá Gonçalves, uma das grandes escritoras pernambucanas. A produção de textos também contou com a colaboração e pesquisa da poeta Cecília Villanova. A Edição Geral dos textos ficou a cargo da jornalista pernambucana Olivia Mindêlo, que tem forte atuação na área de arte e cultura. Co-produção da Ideiainagem, tendo a sua realização técnica sob responsabilidade da Conbuss e da Z4 Web, sob a coordenação do analista Nilton Heck³.

Na próxima seção, faremos uma descrição mais detalhada do aplicativo para melhor entendermos as formas de navegação e leitura realizadas por nossos leitores/usuários.

Metodologia

O presente estudo foi resultado de um recorte de um relato de experiência, desenvolvido durante um projeto de extensão com dezoito alunos do 3º período do Curso de Pedagogia, que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História. A intenção do projeto era possibilitar, aos alunos, olhares diferentes

³ Disponível em: <http://www.revistafacil.net/2016/08/ruas-literarias-do-recife.html>> Acesso em: 25 nov. 2016.

sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. Optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, visto que este estudo apresenta a experiência de leitores/usuários do aplicativo.

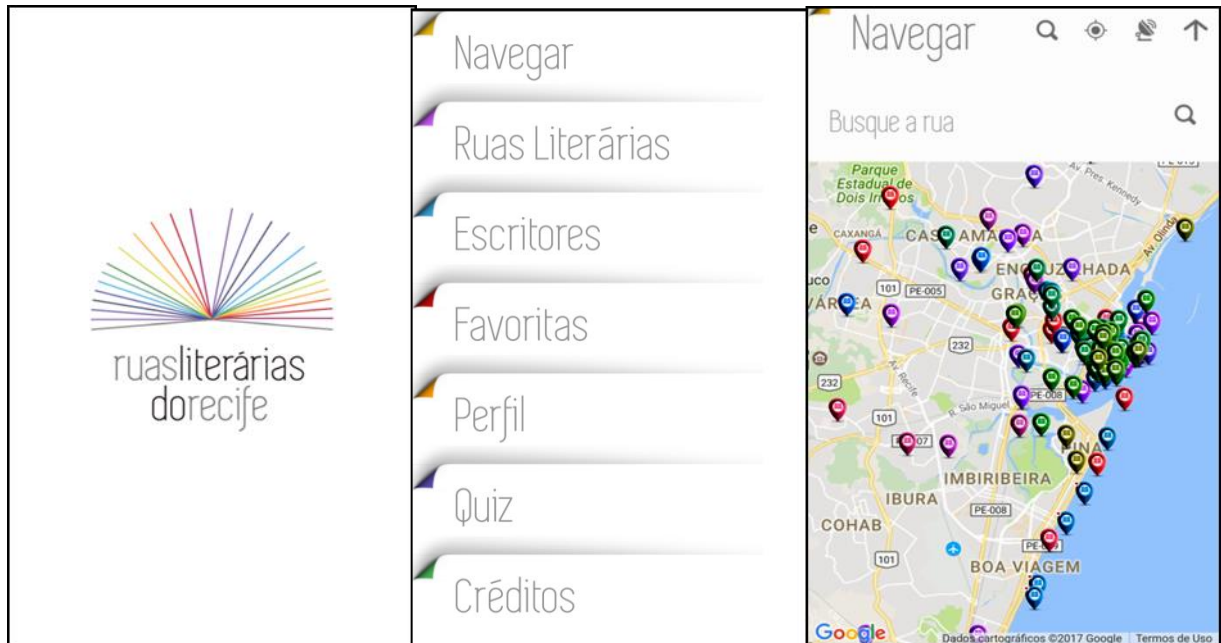
Como a atividade fazia parte de um projeto de extensão com 18 alunos, tivemos algumas dificuldades na execução tais como: celulares não compatíveis com o aplicativo, atividades realizadas em dupla que prejudicaram algumas gravações de áudio e a inabilidade quase que completa no uso do Smartphone. Essas dificuldades fizeram a atividade se estender por quase duas horas, deixando alguns participantes impacientes, ao ponto de pedirem aos colegas, mais familiarizados, que realizassem a atividade por eles.

Sabemos que em qualquer atividade de leitura, cada leitor interage de maneira diferente com o texto lido, visto que estão em jogo experiências pessoais, conhecimentos prévios e nível de letramento que contribuem para a elaboração de um sentido para o texto. Sabemos também que, no caso da interação da interface gráfica do aplicativo “Ruas literárias do Recife”, existem outras questões envolvidas nesse processo, visto que a interação entre homem/máquina evoca no mínimo diversas questões sociais, culturais e de gênero. Procurando restringir o perfil dos sujeitos da pesquisa, doravante leitores/usuários (l/u), a um grupo mais ou menos homogêneo, selecionamos quatro dos dezoito sujeitos envolvidos que atenderam ao seguinte critério, conhecerem o funcionamento básico do Smartphone, considerando que precisariam baixar o aplicativo para executar os seis itens do roteiro. Dessa forma, o recorte apresenta o uso e reflete experiências de leitura e navegação desses quatro leitores/usuários, nomeados aqui de l/u1, l/u2, l/u3 e l/u4.

A coleta de dados foi realizada a partir de um roteiro contendo seis itens, que serviu como orientador para os leitores/usuários e da gravação de áudio via WhatsApp. Cada leitor/usuário recebeu um roteiro e foi solicitado que gravassem um áudio, descrevendo as ações e todo percurso que fizeram na execução desta tarefa.

O aplicativo “Ruas literárias do Recife”, assim que acionado permite ao leitor/usuário navegar por sete abas presentes num sumário, denominadas: Navegar, Ruas literárias, Escritores, Favoritos, Perfil, Quis e Créditos. Caso o leitor/usuário clique em navegar, se deparará com um mapa com balões coloridos indicando as ruas, no qual poderá clicar diretamente no balão ou digitar o nome da rua na lupa. Essa aba só funcionará se o GPS do Smartphone estiver ativado, como ilustra a figura 3 a seguir:

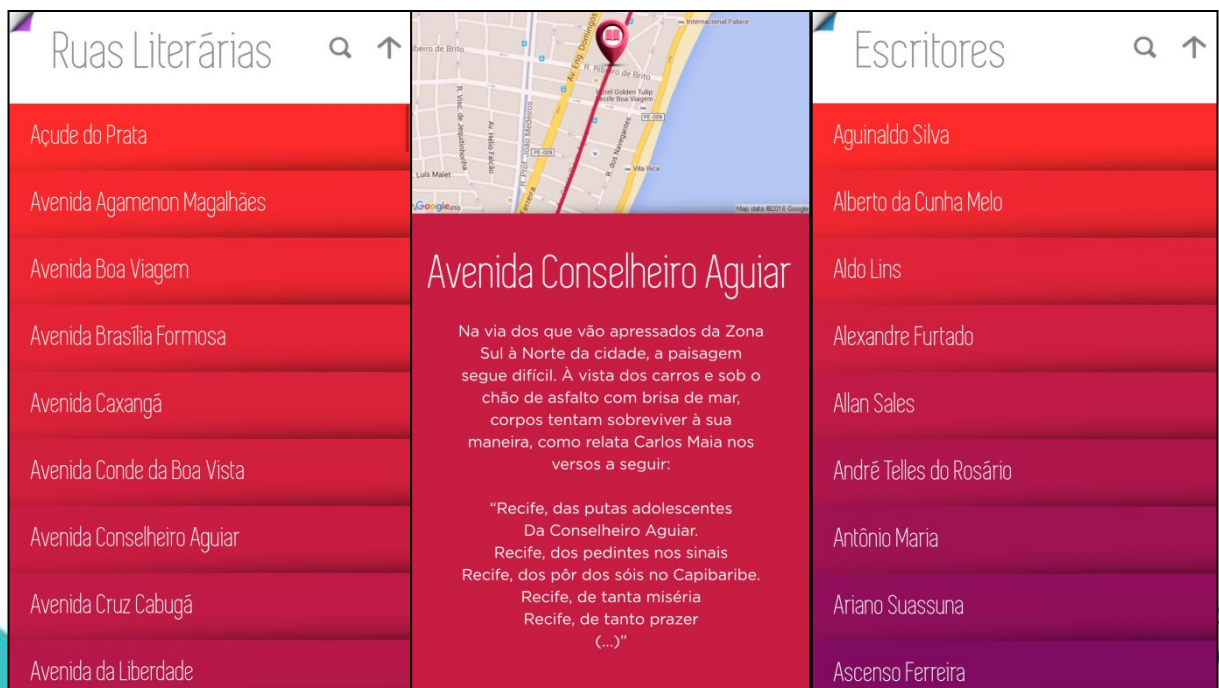
Figura 3: Página oficial do aplicativo “Ruas Literárias do Recife” na internet.



Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/ruas-literarias-do-recife/id1087059907?mt=8>

Caso o leitor/usuário opte pela aba Ruas literárias, se deparará com uma lista de ruas do Recife em ordem alfabética e poderá percorrer essa lista ou pesquisa na lupa, digitando o nome da rua do seu interesse. Caso opte pela aba Escritores, seguirá a mesma apresentação das informações como a lista em ordem alfabética e nas mesmas cores, como na figura 4 a seguir:

Figura 4: Página oficial do aplicativo “Ruas Literárias do Recife” na internet.



Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/ruas-literarias-do-recife/id1087059907?mt=8>

Dando prosseguimento à descrição do processo metodológico, para a análise e a discussão dos resultados avaliamos a relação do leitor/usuário e a interface (composição dos elementos visuais, do modo de apresentação do conteúdo no aplicativo e o modo como cada um leu e percorreu a tela. Para tanto, nos apoiamos na Matriz de Letramento Digital e na Matriz de Língua Portuguesa utilizada por Azevedo (2013).

Análise dos dados

Os dados que apresentamos a partir de agora refletem, como já mencionado na metodologia, a experiência de leitura e navegação de quatro leitores/usuários, nomeados aqui de l/u1, l/u2, l/u3 e l/u4. Esses participantes navegaram pelo aplicativo e guiados pelo roteiro, tentaram responder aos seis itens solicitados a partir da gravação de áudio via WhatsApp. Durante a análise, os itens foram subdivididos em duas categorias, categoria 1: tarefas de navegação e categoria 2: tarefas de leitura. Essa divisão partiu da tentativa de separarmos o que na tarefa exigia do leitor/usuário habilidades relacionadas à navegação e o que exigia dele habilidades relacionadas à leitura.

Categoria 1: Tarefas de navegação:

Item 1 - Baixar o aplicativo acessando a página abaixo:

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ericlaurence.ruasliterarias&hl=pt_BR

Item 2 - No aplicativo escolher três ruas que possam servir como itinerário para nossa saída pedagógica.

Item 4 - Descrever, detalhadamente, como realizou a escolha das ruas no aplicativo.

Formas de navegação no aplicativo

A navegação do aplicativo dependeria do leitor escanear a página inicial (*home*) em busca das três ruas. Isso implicaria se deparar com um sumário com sete abas. Daí em diante,

ao identificar a aba Ruas literárias, era necessário clicar nela para ter acesso aos 150 pontos de localização no Recife, dispostos em ordem alfabética.

Durante a navegação, os quatro leitores/usuários realizaram os itens 1 e 2 com sucesso, considerando que todos baixaram o aplicativo e escolheram as três ruas. É o que pode ser visto na tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Ruas escolhidas pelos leitores/usuários

Leitor/usuário (l/u)	Ruas escolhidas
l/u1	Via Mangue, a Rua da Palma e a Praça Chora Menino
l/u2	Avenidas Agamenon, Caxangá e Conde da Boa vista
l/u3	Praça da República, a Praça da Escultura e o Marco Zero
l/u4	Apolo, da Moeda e a Travessa do Cais da Detenção

Fonte: Elaborada pela autora

Ainda durante a navegação, no que se refere ao item 4, os quatro leitores/usuários escanearam a página inicial (*home*), mas só l/u2 verbalizou o sumário com as sete abas. O que pode ser percebido em sua fala: “*cliquei, aí apareceu sete abas com os nomes navegar, ruas literárias, escritores, perfil, favoritos, quiz e créditos*”. Esse leitor/usuário foi o único que clicou na aba Ruas literárias para a escolha das ruas, os demais optaram pela aba navegar, é o que pode ser evidenciado na fala de l/u1 “*fui navegar e mostra um mapinha para escolher a rua*”. Já l/u3 e l/u4 perceberam que a aba Navegar só funciona se o GPS estiver ativado, o que os fez seguir para a aba Ruas literárias. Algo que pode ser evidenciado em “*fui na opção navegar, mas precisa está com GPS ligado*” (l/u3). “*A escolha no aplicativo foi feita a partir da aba ruas literárias, uma vez que o aplicativo só viabiliza a navegação estando com o GPS ligado*” (l/u4).

Acreditamos que a disposição do sumário que apresenta a aba Navegar como primeira opção tenha influenciado na escolha dos leitores/usuários l/u1, l/u3 e l/u4, visto que para Azevedo (2013) a forte relação que há entre os códigos de integração e os elementos visuais, como o *top and bottom* definido por Kress e Leeuwen, mostram que ao destacar a função Navegar, como a primeira aba do sumário, evidencia este como elemento de informação dominante. Considerando que o conteúdo da página pode transmitir o pensamento dos idealizadores do aplicativo, como o que é mencionado na epígrafe: “*com internet, o usuário pode navegar pelo mapa do Recife e compartilhar os textos em redes sociais*”.

Supomos que tenha sido este o motivo pelo qual os três leitores/usuários: l/u1, l/u3 e l/u4 iniciaram pela opção Navegar. Confirmando assim o que nos diz Ribeiro (2008, p. 81) que as “instruções” deixadas pelo autor devem ser consideradas produto de um processo editorial ou de planejamento visual, além do material linguístico. E, que em textos informativos, como os utilizados no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, o autor não é o único a dar pistas ao leitor, mas uma equipe que se propõe a produzir o material linguístico, assim como a fonte, o corpo e suporte.

Outro ponto que merece destaque, é que exemplos como esses, segundo Azevedo (2013, p. 75), “nos deixam na fronteira entre os territórios da leitura e da navegação”. Para autora, neste tipo de exemplo “não está apenas em questão saber usar o link, mas saber inferir um sentido”. Para tanto, a autora afirma ainda que ao construírem o protótipo de uma Matriz de Letramento Digital, Dias e Novais (2009) vincularam ao descritor 3CO5 (Inferir o conteúdo do link a partir do seu nó – compreensão), ou seja, a ação de ler hipertexto digital no grupo de compreensão. O que para Azevedo (2013, p. 75) “nos leva a defender que determinados processos do campo da leitura são essenciais a uma navegação fluida”.

A tabela 4, a seguir, nos ajuda a visualizar as habilidades mobilizadas por nossos leitores/usuários, a partir das categorias de análise para a navegação e da Matriz de Letramento Digital utilizada por Azevedo (2013):

Tabela 4: Habilidades de navegação mobilizadas pelos leitores/usuários

Leitores/usuários	Item 1	Item 2	Item 4
l/u1	Baixar (2CTI)	Escolher (2CTI)	“cliquei (2CTI) “apareceu uma interface colorida”; “um livro colorido”, “começa aquela cor amarela, roxa e azul...” (3CTI)
l/u2	Baixar (2CTI)	Escolher (2CTI)	“Abri e cliquei”(2CTI) “Apareceu sete abas” (3CTI) “Fui na segunda aba ruas literárias” (3COI) “Não precisa nem descer para a letra correspondente” (3CTI)
l/u3	Baixar “download do aplicativo”	Escolher “Fazer a escolha das ruas”	“Abri o aplicativo, fui na opção navegar” (2CTI)

	(2CTI)	(2CTI)	
1/u4	Baixar (2CTI)	Baixar (2CTI)	“O aplicativo só viabiliza a navegação com o GPS ligado” (2CTI)

Fonte: Elaborada pela autora

A partir de agora passaremos para a análise da leitura do aplicativo, que seguiu a Matriz de Língua Portuguesa utilizada por Azevedo (2013) e as três categorias, itens 3, 5 e 6 designadas para as tarefas de leitura mobilizadas por nossos leitores/usuários.

Categoria 2: Tarefas de leitura:

Item 3 - Leitura de texto referente às ruas escolhidas e descrição do motivo para a escolha.

Item 5 - Responder se já conhecia o aplicativo? O que achou dele? O que mais gostou e por quê? E que não gostou? Justifique todas as respostas.

Item 6 – Leitura do sumário, detalhamento de como realizou a **leitura** assim que baixou o aplicativo.

Formas de leitura no aplicativo

No que se refere ao item 3 (**Leitura** de texto referente às ruas escolhidas e descrição do motivo para a escolha), os quatro leitores/usuários realizaram esse item sem maiores dificuldades. É o que pode ser evidenciado na fala de 1/u1 “*Depois li tudinho o que havia lá. Voltei e achei a rua da Palma, depois a Praça*”. No tocante à justificativa pela escolha das ruas, três leitores/usuários 1/u1, 1/u3 e 1/u4 foram enfáticos ao responderem que o fizeram pelo contexto histórico, o que nos faz remeter ao uso que fizeram dos seus conhecimentos prévios. Como pode ser evidenciado nas falas de 1/u1 “*Li rua da Palma para saber se havia realmente*

putas lá”, de 1/u3 “*pelo contexto histórico*” e de 1/u4 “*pelo fator histórico e importância sobre as memórias trazidas para mim*”.

Na realização do item 5 (**Responder** se já conhecia o aplicativo? O que achou dele? O que mais gostou e por quê? E o que não gostou? Justifique todas as respostas), as respostas foram unânimes no tocante a avaliação que os leitores/usuários fizeram do aplicativo, afirmando ser positiva porque “*associa a história dos locais aos poemas*” (1/u1), “*achei bacana a parte de fazer um link da história*” (1/u2), “*o retorno da questão literária é uma nova visão sobre as ruas do Recife*” (1/u4). O 1/u3 também achou positiva a relação com o contexto histórico, mas fez uma ressalva sobre “*a pouca informação sobre os fatos históricos. Ex. por quem foi fundada, o ano de fundação entre outros. Isso é o que falta*”.

Neste item também foi identificado uma fronteira tênue que há entre os territórios da leitura e da navegação, por se tratar de um julgamento das informações, habilidade considerada como sendo de leitura, as falas dos nossos leitores/usuários nos levaram para as habilidades consideradas de navegação. É o que pode ser visto em 1/u1 “*não explorei o suficiente, mas assim que fizer darei uma, duas, até cinco estrelas*”, em 1/u2 “*o leiaute é bem interessante. É bonito e simples e facilita a navegação*” e em 1/u4 “*o que não gostei foi sobre a funcionalidade do aplicativo que ainda está limitada*”. Neste aspecto, Azevedo (2013, p. 84) assinala que “*muitas habilidades de navegação são exigidas (inclusive a destreza do leitor/usuário com o mouse)*”. No nosso caso, a destreza no uso do aplicativo. Assim, fica evidente que a facilidade tanto no uso quanto na leitura foram provocados pelo modo de apresentação do conteúdo do “*Ruas literárias*”, seja pelo sumário ou pelos mecanismos de navegação já descritos.

No último item de leitura, item 6 (**Leitura** do sumário, detalhamento de como realizou a **leitura** assim que baixou o aplicativo), o que prevaleceu nas falas dos leitores/usuários foram as inferências e o julgamento das informações. Como pode ser visto na fala de 1/u1 “*Se eu soubesse o nome de uma rua que eu quisesse, era só clicar lá, pesquisa e botar o nome da rua e já mostrava*”, ou ainda, “*Linha do Tiro, meu Deus, será que tinha bala que só a bexiga lá?*”. Em 1/u3 “*leitura das ruas literárias por ordem alfabética que não tem erro*” e em 1/u4 “*o aplicativo é auto-explicativo o que o torna prático e qualquer pessoa pode acessá-lo*”. É interessante ressaltar que mais uma vez nos deparamos na fronteira entre leitura e navegação.

A tabela 5, a seguir, nos ajuda a visualizar as habilidades mobilizadas por nossos leitores/usuários, a partir das categorias de análise para leitura e da Matriz de Língua Portuguesa utilizada por Azevedo (2013):

Tabela 5: Habilidades de navegação mobilizadas pelos leitores/usuários

Leitores/usuários	Item 3	Item 5	Item 6
I/u1	<p>“Depois li tudo que havia lá, voltei e achei a rua da Palma” (D1)</p> <p>“Li rua da Palma para saber se realmente havia putas e a Rua Chora Menino por curiosidade do nome” (D22)</p>	<p>“Associa a história dos locais aos poemas” (D24)</p> <p>“Não explorei suficiente, mas assim que fizer darei uma, duas, até cinco estrelas” (2AN2)</p>	<p>“Se eu soubesse o nome de uma rua que eu quisesse era só clicar lá, pesquisa e botar o nome da rua e já mostrava” (D22)</p> <p>“Linha do Tiro, meu Deus, será que tinha bala que só a bexiga lá?” (D22)</p> <p>“Fui navegar e mostra um mapinha para escolher a rua” (3CTI)</p>
I/u2		<p>“Achei bacana a parte de fazer um link da história com a poesia” (D24)</p> <p>“O aplicativo é bem auto-explicativo e acho que poderia melhorar a parte histórica das ruas” (D24)</p> <p>“o leiaute é bem interessante. É bonito e simples e facilita a navegação” (3CTI)</p> <p>“Não explorei suficiente”(2 AN2)</p>	<p>“Cliquei na aba ruas literárias e você vai deslizando e descendo e vai passando” (3CO1)</p>
I/u3	<p>“Li pela questão histórica”</p>	<p>“O que mais gostei foram as curiosidades que o aplicativo apresenta sobre os lugares e o que não gostei foi a pouca informação sobre os fatos históricos. Ex. por quem foi fundada, o ano de fundação entre outros. Isso é o que falta” (D24)</p>	<p>“Leitura das ruas literárias por ordem alfabética que não tem erro” (D24)</p>

I/u4	“Li pela questão histórica e importância para minhas memórias”	“O retorno da questão literária. É uma nova visão sobre as ruas do Recife”. (D24) “O que não gostei foi sobre a funcionalidade do aplicativo que ainda está limitada” (D24)	“O aplicativo é auto-explicativo o que o torna prático e qualquer pessoa pode acessá-lo” (D24)
------	--	--	--

Fonte: Elaborada pela autora

Considerações finais

Como se lê no meio digital? Por quais caminhos? E como leem/navegam no aplicativo? Tais questionamentos percorreram o presente estudo, que procurou, a partir dos conceitos de leitura e de navegação adotados por Coscarelli (1999) e Ribeiro (2008), analisar como se configuram as formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”.

Nossos resultados revelaram, de modo geral, que nossos leitores/usuários não encontraram maiores dificuldades no uso do aplicativo e que o aproveitamento da interação leitores/usuários do Aplicativo “Ruas literárias do Recife” foi satisfatório, principalmente, no tocante aos conhecimentos prévios mobilizados por estes.

É importante destacar que os leitores/usuários selecionados demonstram possuir as habilidades de leitura e navegação exigidas pelo conteúdo do aplicativo. Além de se mostrarem habilidosos com o meio digital, mostrando em suas falas uma linguagem bem típica dos *nativos digitais*⁴.

Outro ponto que podemos destacar refere-se à diferença entre leitura e navegação, visto que encontramos dificuldades para definir essa diferença enquanto analisávamos nossos dados, já que essas duas ações, segundo Ribeiro (2008) e Azevedo (2013), se retroalimentam e eram realizadas concomitantemente pelos nossos sujeitos. Dessa forma, no que concerne a navegação concordamos com Azevedo (2013, p. 100) quando apresenta esta como mais relacionada à busca de informação e ao modo como o leitor/usuário procura explora e se manter localizado no conteúdo. Reconhecendo assim como esta autora, que a navegação “é uma camada mais superficial do fenômeno da leitura, pois para ler, em qualquer suporte o primeiro passo é navegar com eficiência”. O que chamamos leitura seria uma camada mais

⁴ O termo foi criado pelo norte-americano Marc Prensky, trazendo a esse grupo definições de novas características, que consolida um abismo com relação aos imigrantes digitais (outro termo criado pelo autor). Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias [digitais](#) presentes em sua vivência.

profunda, a da compreensão. Seria o momento “em que o leitor ultrapassa a zona de contato, de busca, passa a compreender o conteúdo, construindo relações a partir das informações que acessou”. (AZEVEDO, 2013, p. 100)

Pensando na *homepage* como ponto de partida para que a leitura e a navegação aconteçam, acreditamos que a *home* do aplicativo “Ruas literárias do Recife” cumpre bem esse papel, visto que convida seus visitantes a manterem contato com o aplicativo. Chegamos a essa conclusão a partir das falas de nossos sujeitos que elogiaram o *leiaute* e o consideraram auto-explicativo.

Referências

- AZEVEDO, Ranielle Santos de. *Ler e navegar. gov. br: Experiências de interação em um Portal da Transparência*. 2013. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambientes multimídia e produção de inferências*. 1999. 322 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana. Inferência: Afinal o que é isso? Belo Horizonte: FALE/UFMG. maio, 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>. Acessado em 2006.
- COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI. Carla Viana. (Org.). *Tecnologias para aprender*. Parábola. São Paulo, 2016.
- DIAS, Marcelo Cafiero; NOVAIS, Ana Elisa. Por uma matriz de letramento digital. In: III Encontro Nacional sobre hipertexto. Belo Horizonte: CEFET-MG, out. 2009. p. 1-19. Disponível em <<http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2013.
- NOVAIS, Ana Elisa. *Leitura nas interfaces gráficas de computador: compreendendo a gramática da interface*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NOVAIS, Ana Elisa. Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura. In: COSCARELLI. Carla Viana. (Org.). *Tecnologias para aprender*. Parábola. São Paulo, 2016.
- RIBEIRO, Ana Elisa. *Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. 2008. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In: COSCARELLI. Carla Viana. (Org.). *Tecnologias para aprender*. Parábola. São Paulo, 2016.
- Revista Contigente <https://www.revistacontinente.com.br/component/tags/tag/559-ruas-liter%C3%A1rias-do-recife.html> (out. 2016). Acesso em: 25 nov. 2016.